



LIBERDADE

«Não podemos acetar que uma pessoa, para dar expressão à sua liberdade, vá coartar a liberdade dos outros». São palavras do General Spínola, que ninguém, em boa razão e de boa fé, deixará de aplaudir.

A liberdade, porque se funda na dignidade humana, como o Vaticano II nos ensina é um bem específico de todos e por isso mesmo, um bem comum a todos. Restringir, pois, a liberdade a este ou àquele indivíduo, a este ou àquele grupo, a esta ou àquela facção, seria destruir a liberdade na sua própria essência, e equivaleria a denegar aos outros a própria dignidade humana.

Se eu quero a liberdade só para mim, e a recuso aos demais, tu, e aquele, e aqueloutro, pela mesma razão ou sem-razão, fareis o mesmo; e então, eu, tu, e os outros, todos nós, matamos a liberdade.

E até a mesma vida, então, se torna impossível. Em vez do «um por todos e todos

por ABEL GUERRA

por um», que é a lei da perfeita sociabilidade e solidariedade, teríamos o «um contra todos e todos contra um», que é a essência mesma do caos, da anarquia, da destruição.

Se eu reclamo para mim a liberdade de pensamento e de expressão, e ao mesmo tempo vou manobrando para impedir a dos outros, estou a ser o mais odioso dos egoístas.

Se eu sou contra os monopólios (como agora por aí se ouve clamar), e ao mesmo tempo açambarco em meu proveito a liberdade, estou a exercer o mais despótico dos monopólios.

Se eu advogo o pluralismo e ao mesmo tempo só para mim e para os meus adeptos admito o foro de cidadania e até o próprio direito a tugar e mugir, estou a seguir, na realidade, o mais abominável dos monismos.

Se eu vou pela estrada (para empregar uma imagem que diz tudo) como se a estrada fosse toda e exclusivamente minha, que

insuportável incivismo será então o meu? Imaginemos que todos os outros pela mesma razão ou sem-razão, procediam da mesma forma: quem poderia então andar na estrada? Ora, da estrada passemos para a vida, e aí teremos o resultado.

Em resumo: a liberdade é de todos e para todos. É este o primitivo princípio em que

(Continua na pág. 4)

Saber viver

Trata-se de instaurar em Portugal uma democracia pluralista. Um regime onde a liberdade de opinião, de pensamento e de expressão sejam realidade. Isto exige que nós saibamos viver numa sociedade assim.

Viver numa sociedade pluralista não implica o isolamento das pessoas. Há que quebrá-lo. Que derrubar muros. Que associar-se. Que congregar esforços em prol do bem comum.

Viver numa sociedade pluralista não implica a despersonalização do indivíduo. Não exige à pessoa que abdique da sua maneira de pensar para dizer amém com todos.

Viver numa sociedade pluralista exige que se saiba discordar. Que se não confunda o direito de discordar com o direito de insultar. O facto de os outros pensarem de maneira diferente não dá a ninguém o direito de os desrespeitar ou agredir.

Viver numa sociedade pluralista exige o esforço de uma tomada de consciência mais daquilo que nos une do que daquilo que nos separa.

Viver numa sociedade pluralista supõe em cada indivíduo o conhecimento das suas limitações. Supõe uma grande capacidade de diálogo e de análise.

Viver numa sociedade pluralista nada custa se os homens se aceitarem e se amarem.

Movimento Religioso

EM DEZEMBRO E JANEIRO

BAPTISMOS

22 de Dezembro — Ana Isabel Praia Figueiredo, filho de Manuel da Silva Figueiredo e de Beatriz Fernanda Eiras Praia.

25 — Hugo Miguel Bessa da Silva dos Santos Cardoso, filho de Admaro dos Santos Cardoso e de D. Maria de Fátima Berra da Silva.

29 — Maria Manuela Vilarinho Ferreira, filha de Armando dos Santos Ferreira e de D. Maria Emília da Silva Vilarinho.

11 de Janeiro — José Eduardo Nunes Gonçalves Zão, filho de Joaquim Eduardo Fernandes G. Zão e de Maria José Lima Nunes Novo.

— Carlos Alfredo Pinto Ferreira, filho de Ernestino Moreira Ferreira e de Maria Hortência Viana da Silva Pinto; residentes na rua Barão de Esposende, 23.

19 — Vinícia Lívia Amorim Neto dos Santos, filha de Virgílio Novo dos Santos e de Carolina Lívia Amorim Neto, residentes na rua Barão de Esposende, 17.

CASAMENTOS

7 de Dezembro — Abel Garcia Cardoso, filho de Manuel Alves Cardoso e de Maria Magnífica dos Santos Garcia, com Lucinda de Azevedo Carneiro, filha de Marino Pires Carneiro e de Alzira Alves de Azevedo. Felicidade.

ÓBITOS

30 de Dezembro — Rosália Alves Miquelino, de 82 anos de idade, casada com José Barbosa Guerra, doméstica, natural de Esposende onde era residente no Bairro dos Pescadores.

6 de Janeiro — Renée Mestre Vieira, de 85 anos de idade, solteira, professora do ensino secundário, natural de Paris-França e residente nesta vila.

7 — Abílio António da Silva, de 79 anos de idade, casado com Esmeraldina da Silva Loureiro, marítimo, natural de Marinhas e residente na Avenida António Pascoal desta vila.

BOLETIM

Este boletim passará a publicar-se de dois em dois meses (bimestral).

Entretanto lembramos que, se algum leitor pretender números atrasados deste boletim, para efeito de arquivo completo da sua colecção, etc., poderá adquiri-los.

Noticiário

— A Igreja da Misericórdia, desta vila, foi classificada como Monumento Nacional.

— No dia 26 de Dezembro surgiram inscrições partidárias nas paredes da nossa Igreja Matriz, da Misericórdia e noutras Igrejas da região. Foi pena não pensarem no dano que causavam e pedia para, no futuro, não se esquecerem que tais inscrições ou colocação de panfletos é proibida nos templos religiosos.

— No dia 1 de Janeiro fizeram a sua 1.ª comunhão os meninos José Carlos Lemos Cardoso, João Paulo da Silva Moreira, João Daniel da Costa Pinheiro, Maria Helena e Maria Adelaide Meira Ferreira, e Maria Manuela da Silva Moreira.

Igual cerimónia realizaram no dia 5 do mesmo mês os meninos António José Regado Ferreira do Vale, Maria José e Ana Paula Regado Loureiro.

Parabéns aos neo-comungantes e aos pais.

— No dia 4 de Janeiro, na Capela de S. Mamede, da freguesia de Frades-Póvoa de Lanhoso, a jovem esposendense Maria da Conceição Carneiro Zão, filha de António Gonçalves Zão e de Amélia Martins Carneiro, realizou o seu casamento com João Manuel de Freitas Ribeiro Saraiva, de S. Sebastião-Guimarães, filho de Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão e de Maria Emília Freitas Ribeiro.

Parabéns e felicidades.

— No último número deste boletim referimo-nos a uma tentativa de roubo na nossa Igreja Matriz. Desde aí para cá houve mais uma tentativa de roubo na Capela de N. Senhora da Saúde, na noite de 28 para 29 de Dezembro, danificando uma porta que só resistiu por ser revestida a chapa no interior, e houve dois furtos na Igreja Matriz: um castiçal antigo em metal e uma pequena quantia em dinheiro.

— No dia 21 de Janeiro faleceu o grande artista bracarense architecto José Vilaça, autor dos projectos e orientações de restauro na nossa Igreja Matriz. Felizmente deixou-nos um projecto para restauro da capela de S. João e futuros restauros da Igreja Matriz, todavia, sentiremos imenso a sua falta.

Que Deus recompense a sua alma pelo muito bem que realizou.

LIBERTAR

Libertar é tomar independente. É ajudar o outro a ser pessoa. A pensar com a sua cabeça.

Libertar não pode ser um arrebanhar de pessoas cegas que ingenuamente se deixam conduzir por aquele que, habilidosamente, lhe apareceu com o messianico ar de um libertador.

Não se ajudam as pessoas a serem elas manipulando-as como o oleiro trabalha o barro, de modo a fazer dele o boneco que pretende. O homem não é massa inerte e amorfa. O homem tem uma personalidade que é preciso respeitar. Libertá-lo é ajudá-lo a ser ele, e não fazer dele um robot que bate palmas quando alguém quer que bata palmas, que diz amém quando alguém quer que diga amém. Libertar o homem é ajudá-lo a ser mais homem e não convertê-lo numa marionete.

Não se liberta o homem impingindo-lhe uma ideologia, mas ensinando-o a pensar.

Não se liberta o homem apresentando-lhe um papel para que se inscreva, mas esclarecendo-o lentamente para que, em vez de se inscrever naquela lista, livremente decida em que rol se há-de alistar.

Movimento Demográfico

No ano que findou registou-se, nesta vila, o movimento demográfico seguinte: baptizados 45 (sendo 21 do sexo masculino e 24 do sexo feminino), casamentos 13 e óbitos 16.

Há 50 anos houve: baptizados 39, casamentos 11 e óbitos 23.

Há 100 anos houve: baptizados 40, casamentos 5 e óbitos 20.

Mais baptizados e casamentos, menos óbitos.

RESTAURO DA IGREJA MATRIZ

Suspendemos os peditórios pelas casas. Aceitamos e agradecemos as ofertas que nos queiram fazer directamente.

Esperamos, no próximo número, apresentar as contas das obras e da Fabriqueira. Só não o fazemos agora por não nos terem dado a conta final do restauro do altar da Capela lateral-sul.

Logo que apresentemos estas contas iremos pensar no restauro da capela de S. João.

Reconciliação

Principiou a fase romana do Ano Santo de 1975, cujo tema é, como oportunamente informámos, renovação e reconciliação.

É urgente que os homens se reconcilhem com Deus e entre si. Esta necessidade sente-se a vários níveis: individual, familiar, social e eclesial. Na igreja diocesana não existem cristãos autênticos e conscientes que não aspirem por essa graça. Andam indignados com a vil campanha de difamação e de calúnias postas a circular. Perguntam-se, e com razão, a soldo de quem actuam e a quem pretendem servir os seus promotores pois, em atitudes que só tanspiram ódio e vingança, não descobrem os sinais da verdadeira mensagem de Cristo.

É urgente a reconciliação. Reconciliação que supõe a renovação. Que supõe uma vitória sobre a vaidade e o orgulho. Que implica uma limpidez de consciências e de intenções. Que se não consegue sem que os interesses individuais se subordinem ao verdadeiro bem da Igreja. Que nos obriga a sermos em vez de parecermos. Que implica honestidade e coerência. Que não admite o jogo duplo de quantos pretendem servir a Deus e ao diabo. Que nos leva a conhecer as nossas limitações, a aceitar as razões dos outros e a agir em conformidade. Serão os homens capazes de se renovarem, de serem HOMENS, para terem a coragem de uma verdadeira reconciliação?



Os nossos benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

10\$00 — António P. Ferreira.

7\$50 — Cecília Garcia.

5\$00 — Manuel Marques, D. Isollna Igreja Regado, Maria da Soledade Vieira Loureiro.

Sem tempo determinado ofereceram:

150\$00 — D. Maria Helena Vieira Contim (Porto).

50\$00 — D. Maria Arminda Vieira Loureiro (Brasil), João Vieira Terra Loureiro (Brasil), Maria Isabel Pereira de Faria, Augusto Marques, António Paulo de Sousa (França).

40\$00 — Firmino Passos da Graça (Brasil).

30\$00 — Francisco Evangelista.

20 — Albino Miranda Figueiredo (Alemanha), Manuel P. Barreira e João dos Santos Ferreira.

IR NA ONDA

Ainda há quem vá na onda. Quem não veja ou não queira ver. Por cobardia? Por maldade? Com recta intenção? Eles lá sabem. Não nos assiste o direito de julgar ninguém. Limitámo-nos a apontar factos.

Vai-se na onda quando se permite que o nosso nome subscreva coisas com que não estamos de acordo ou apareça como sinal de apoio a ideologias ou atitudes de que discordamos.

Vamos na onda quando nos limitamos a sorrir perante afirmação que deveríamos repudiar.

Vamos na onda quando nos limitamos a lamentar com o vizinho desmandos que mereciam um protesto público.

Vamos na onda quando, com o nosso dinheiro, apoiamos a imprensa que nos combate ou divulga doutrinas que põem em perigo a mesma liberdade e dignidade humanas.

Vamos na onda quando não deixamos de aparecer em manifestações ou nos não coibimos de apoiar movimentos que deveriam merecer o nosso mais formal repúdio.

Vamos na onda quando acolhemos a mentira, a calúnia, a difamação.

Vamos na onda quando, numa hora em que se exige a nossa unidade, fomentamos, com intrigas e egoísmos mesquinhos, a desunião.

Tantas vezes vamos na onda, sem repararmos no risco sério de naufrágio!

a liberdade que não queremos

O 25 de Abril restituiu aos portugueses a liberdade de que o antigo regime os havia privado. A pretexto de liberdade, porém, surgiram confusas situações que importa pôr a claro.

Há liberdade que não queremos.

Não queremos a liberdade de mentir, caluniar e difamar.

Não queremos a liberdade de enganar o povo, chamando democracia ao que não passa de ditadura.

Não queremos a liberdade de ofender recusando ao ofendido o direito à defesa.

Não queremos a liberdade de meter a ridiculo as crenças religiosas das pessoas.

Não queremos a liberdade da vingança cobarde e do ataque pessoal.

Não queremos a liberdade de não respeitar as opiniões alheias.

Não queremos a liberdade de atentar contra a vida e a propriedade do próximo.

Não queremos a liberdade de semear o medo, colocando em perigo a integridade física do semelhante.

Não queremos a liberdade de se explorar homem, seja a que pretexto for.

Não queremos a liberdade da prostituição, da pornografia, da nudez nos espectáculos.

Não queremos a liberdade de quem procura comprometer os outros, vindo a público com afirmações que não prova.

Não queremos esta liberdade porque isto não é liberdade. É, antes, libertinagem e abuso da liberdade.

Silva Araújo

LIBERDADE

(Continuado da pág. 1)

assenta a verdadeira liberdade. Sendo de todos, a liberdade tem de ser igualmente para todos, porque todos somos iguais, todos temos, com a natureza, a mesma dignidade humana.

O segundo princípio, semelhante ao primeiro, é que a liberdade não é absoluta. Como tudo o mais, tem os seus limites marcados pela lei, divina e humana, pela natureza das coisas, pelo condicionalismo da vida.

A liberdade própria faz extrema com a liberdade alheia e há marcos, nessa extrema, que a nenhum dos vizinhos é lícito mudar

parcialmente, sem honra nem vergonha.

Nem tudo o que se quer se pode fazer. Ninguém pode, por exemplo, enganar, injuriar, caluniar, roubar ou matar. Usar da liberdade, sim; abusar da liberdade, não. Em tudo, e sempre, a força do direito; e nunca, e em parte alguma, o direito da força.

Liberdade, liberdade, está bem, que somos homens e; como homens, temos este apêndice: somos livres. Mas liberdade sem desmandos, sem excessos, sem violências, respeitando cada qual a liberdade dos outros, que também somos racionais... e civilizados.

Liberdade, sim, e toda a que é devida, mas com responsabilidade, com civismo, na paz; na ordem, no progresso.

Abel Guerra